

# Prefácio

Com milhões de refugiados desesperados a querer entrar na Europa, as fronteiras desta adquiriram, de repente, uma visibilidade que parecia estar a diluir-se entre todos aqueles que se habituaram a circular sem entraves, ou quase, no interior do espaço Schengen. O movimento para um futuro europeu sem fronteiras, em que os processos de segregação entre quem é e não é cidadão nacional estariam a encaminhar-se para o esbatimento, parece ter sofrido uma travagem abrupta. Ergueram-se barreiras físicas à circulação e assistiu-se à reafirmação, por diversos Estados-Nações, do seu poder soberano de decisão relativamente à circulação e integração destes não nacionais.

Mas estes acontecimentos apenas vieram mostrar que as fronteiras intraeuropeias, na verdade, não tinham desaparecido, estando mais esbatidas nuns casos do que noutros. Vários países europeus não aderiram ao acordo de Schengen e alguns cidadãos europeus têm sido objeto de discriminação – basta citar o exemplo, entre vários, dos ciganos romenos expulsos de França em 2010 pelo governo Sarkozy.<sup>1</sup> Além disso, quem não é cidadão dos países membros continuou a enfrentar grandes dificuldades para penetrar e fixar-se na União Europeia. E, como o provam as barreiras que existem em toda a parte à circulação dos mais frágeis, da Austrália

---

<sup>1</sup> «France sends roma gypsies back to Romania» (20-8-2010), <http://www.bbc.com/news/world-europe-11020429> (acesso em 28-4-2016).

à fronteira do México com os EUA, as fronteiras continuam a operar uma separação rígida entre quem é ou não é nacional, «nós» e os «outros».

Este livro de Luís Silva não se debruça sobre os acontecimentos dramáticos dos últimos meses ou anos, mas sobre a experiência de vida de duas populações vizinhas separadas pela raia luso-espanhola. Todavia, o significado deste estudo fascinante é da maior importância para a compreensão do que ocorre em planos mais amplos em que a importância das identidades nacionais se revela em toda a sua dimensão.

A obra incide sobre duas povoações, Montes Juntos e Cheles, situadas de cada lado da demarcação que separa Portugal e a Espanha. As afinidades entre elas são notórias. Ambas fazem parte da área mediterrânica da península, uma na Extremadura espanhola, a outra no Alentejo português. Às características ambientais comuns juntam outras: são povoações dominadas pela atividade agro-pastoril, insertas na zona peninsular do latifúndio. As suas populações são católicas há vários séculos. Além disso, há contactos e inclusivamente alianças matrimoniais e redes de parentesco e de amizade entre um lado e o outro da fronteira. São terras em que a atividade do contrabando uniu uns e outros e onde a solidariedade se fez sentir em momentos dramáticos como os da Guerra Civil em Espanha (1936-1939).

O livro analisa as implicações da fronteira para a construção e reprodução das identidades diferenciadas que são não apenas as dos habitantes de Montes Juntos e Cheles, mas as das configurações maiores em que uma e outra se inserem, a portuguesa e a espanhola, respetivamente. A fronteira de que trata não é apenas a que ambos os Estados desenharam cartograficamente no território, embora esta até tenha como suporte um obstáculo físico, o rio Guadiana. É também aquela que os habitantes incorporaram, ao enunciarem e reproduzirem eles próprios as categorizações simbólicas através das quais se materializam identidades diferen-

ciadas.<sup>2</sup> Estes dois coletivos veem-se a si próprios como representando grupos humanos que possuem um carácter distinto. Esse tipo de identificações expressa-se num quotidiano partilhado, assente na interação, e que serve de ancoragem para a reprodução banal dos estereótipos em que assenta em grande medida a perpetuação da diferença entre uns e outros, que prossegue num tempo em que a fronteira nacional deixou de ter relevância para os dois Estados ibéricos.

Este é um trabalho de enorme importância para o estudo das identidades portuguesa e espanhola, para o qual traz informação insubstituível sobre os processos envolvidos no nacionalismo quotidiano, colhidos em fontes orais e não em documentação escrita, impregnada, as mais das vezes, pelo nacionalismo oficial. Temos acesso à experiência humana, ao modo como estas populações constroem e interpretam a diferença entre uns e outros. Mas, dado o âmbito comparativo em que se situa, também é uma peça de grande valor para o campo de estudos das identidades coletivas de tipo étnico e nacional, o que é realçado pelo facto de o estudo ultrapassar os limites impostos pelo nacionalismo metodológico, ao centrar-se nas interações e na mobilidade entre estas populações. Como o mostra de modo assertivo, a proximidade entre uns e outros não impede a distância mantida entre dois conjuntos humanos que se concebem, antes de mais, como parte de conjuntos maiores, as comunidades imaginadas a que pertencem e que é impossível conhecerem com o pormenor com que conhecem aspetos da vida dos que lhe estão espacialmente próximos. E, no entanto, são as imagem incorporadas das identidades nacionais de

---

<sup>2</sup> Defende-se aqui a opinião de que deve existir uma convergência entre os contributos dos estudos de fronteiras (*borders*) e os de «delimitações» (*boundaries*), como se verifica neste livro de Luís Silva. Ver Richard Jenkins, «Boundaries and borders», in Jennifer Jackson e Lina Molokotos-Liederman, eds., *Nationalism, Ethnicity and Borders* (Londres: Routledge, 2014), 11-27.

uns e de outros aquelas que orientam as suas interpretações das atitudes dos vizinhos.

A riqueza dos resultados aqui apresentados tem como suporte a conjugação entre as interrogações de carácter analítico que orientam a investigação – produto de um conhecimento amadurecido – e um trabalho de campo inteiramente conseguido. O texto constitui também uma narrativa aliciante, escrita de um modo fluente, atenta à voz dos que ouviu, aos detalhes do que observou, com o rigor que deve caracterizar um estudo de ciências sociais.

Li a primeira versão deste livro há quase vinte anos, quando ainda era uma dissertação de mestrado. A tese já era uma obra de qualidade excepcional, mas, entretanto, o autor reviu e trabalhou substancialmente a sua componente teórica, enriquecendo-a com novas referências, e voltou também ao terreno para confirmar as suas observações.

A passagem do tempo não lhe retirou qualquer atualidade, antes pelo contrário. Quando a sua dissertação foi apresentada parecia a muitos que se havia entrado numa era pós-nacional, liberta dos traços mais negativos associados ao nacionalismo. Foram poucos aqueles que chamaram a atenção para o facto de comunidades culturais, como as etnias ou nações, encontrarem condições de proliferação nos processos de globalização contemporâneos, ou os que discerniram que as migrações serviam de sustentáculo ao «nacionalismo à distância» das redes transnacionais.<sup>3</sup> O incremento da mobilidade e as revoluções registadas nas comunicações permitem a manutenção de vínculos sólidos entre quem partiu e quem ficou no território nacional. É bem verdade que vivemos uma época de expansão inédita de identidades e vivências cosmo-

---

<sup>3</sup> Cf. Manuel Castells, *The Information Age: Economy, Society and Culture, Volume II, The Power of Identity* (Oxford, Blackwell, 1997); Nina Glick Schiller e Georges Fouron, *Georges Woke-Up Laughing: Long-Distance Nationalism and the Search for Home* (Durham e Londres: Duke University Press), 2001.

politas, mas que não são incompatíveis com a persistência das identificações nacionais.<sup>4</sup> Estas continuam a proporcionar a muitos um sentido de pertença, um lugar no mundo que sintam como seu, segurança ontológica, em suma, em particular quando confrontados, como muitos imigrantes, com situações de discriminação.<sup>5</sup> Mas também o lado mais letal do nacionalismo se tem revelado de modo espetacular nos nossos dias, em processos de rejeição como os que referimos no início. Por tudo isto se pode ver que o estudo de Luís Silva não se reporta nem a factos do passado, nem a realidades localizadas no mundo ibérico, mas antes a experiências globais, que continuarão verosimilmente, e por muito tempo, a ser parte do presente.

*José Manuel Sobral*

---

<sup>4</sup> Ver a este respeito, bem como a propósito de o cosmopolitismo estar ligado a uma condição de classe, sendo apanágio das classes média e alta, Montserrat Guibernau, *Belonging: Solidarity and Division in Modern Societies* (Cambridge: Polity Press, 2013), 41-43.

<sup>5</sup> Sobre a «segurança ontológica», Anthony Giddens, *The Consequences of Modernity* (Stanford: Stanford University Press), 1990.